



ÉVORA NA LITERATURA

CONTRIBUIÇÕES PARA UMA ANTOLOGIA

M. Ludovina Grilo
Antonieta Félix

Núcleo de Documentação
DCHPCT
Câmara Municipal de Évora

Dezembro 2012



CÂMARA MUNICIPAL
DE ÉvORA

ÉVORA NA LITERATURA

CONTRIBUIÇÕES PARA UMA ANTOLOGIA

Núcleo de Documentação
DCHPCT
Câmara Municipal de Évora

1.^a Edição Dezembro 2012
M. Ludovina Grilo
Antonieta Félix

Actualização Julho de 2013
Antonieta Félix

Como que dotada de personalidade e carácter próprios, Évora perfila-se com uma singularidade que atrai gentes de artes e de cultura desde as mais remotas épocas. A literatura não é excepção e, ao longo dos tempos, e nas mais diversas formas e géneros, vários são os autores que, sucumbindo ao seu poder encantatório, levam para a sua escrita fragmentos da história, da beleza, das personagens míticas ou, simplesmente, do quotidiano de Évora.

Dar a conhecer alguns dos textos literários de escritores que evocam Évora, a ela recorrerem ou dela se enamoram, é o objectivo deste trabalho, que se assume tão somente como um ponto de partida, para aquela que um dia possa vir a ser uma verdadeira antologia de 'Évora na Literatura'. Os autores, nacionais e estrangeiros, aqui apresentados, uns consagrados, outros amadores, constituem uma amostra que se pretende representativa das expressões literárias de que tem sido alvo a cidade, mas que se declara em construção, no sentido de que muitos outros autores e obras haverá para lhe serem adicionados.

O Núcleo de Documentação é o promotor deste trabalho, e periodicamente o irá actualizar, mas aceitará colaborações e sugestões externas, desde que se verifique o seu interesse e validade também como 'contribuições para um antologia de Évora na Literatura' - as referidas sugestões podem ser endereçadas para nucleodedocumentacao@cm-evora.pt.

Núcleo de Documentação
DCHPCT/Câmara Municipal de Évora

Dezembro de 2012
Julho de 2013

AFONSO X, REI DE CASTELA E LEÃO

1221 | 1284

Como Santa Maria guareceu na cidade de Evora uu ome que era cego.

*Muitos que pelos pe*cados | que fazem perden o lume
Guarece Santa Maria, | ca atal é seu costume.*

Desto direy un miragre | que fezo a Virgen santa,
Madre de Deus groriosa, | que nos faz mercee tanta
que nos dá saud' e siso | e ao demo quebranta,
que nos * quer ao inferno | levar, en que nos afume.
Muitos que pelos peccados | que fazem perden o lume...

Un ome bõo avia | en Évora na cidade
que avia seu mancebo, | per com'aprix en verdade,
que lle fazia serviço | lavrando-lle sa herdade,
e a que muitas vegadas | dizia : « Vai e adu-me
Muitos que pelos peccados | que fazem perden o lume...

Tal ou tal cous'; » e el logo | mui de grado o fazia.
E porend' o ome bõo | atan gran ben lle queria
que a mais de sa fazenda | toda per ele tragia,
ca non lle fazia cousa | de que ouvesse queixume.
Muitos que pelos peccados | que fazem perden o lume...

Onde ll'aveo uu dia | a aquel manceb' andando
con seus bois ena arada | e mui de grado lavrando,
que cegou d' ambo-los ollos, | e foron-sse-ll'apertando
Como se fossen apresos | con visco ou con betume.
Muitos que pelos peccados | que fazem perden o lume...

Tan tost' os que con el eran | pelas mãos lo fillaron
e a casa de seu amo | adestrado o levaron;
e poi-lo viu tan maltreito, | el e os outros choraron,
dizendo: «Rey Jhesu-Cristo, | tu que en Jordan no frume,
Muitos que pelos peccados | que fazem perden o lume...

Sennor, fuste batiçado, | faz que aquest' ome veja.»
Pois bem a cabo do ano | foron aa grand' eigreja
que é de Santa Maria, | u gran vertude sobeja
mostra de sãar enfermos, | ond' an feit' un gran volume.
Muitos que pelos peccados | que fazem perden o lume...

Ena eigrej' aquel dia | ardina muitas candeas
que fazian chama crara | sen fumo, non come teas;
enton viu aquel mancebo | e diz: «Non son estas feas.»
E jurou que en tal dia | non comess' erga legume.
Muitos que pelos peccados | que fazem perden o lume...

In *Cantigas de Santa Maria*, Coimbra: Ed. Walter Mettmann, 1961.

GARCIA DE RESENDE

1470?-1536

Do que ELRei fez ao bispo DEvora vindo de Viana

O bispo de Évora dom Alfonso, filho de Marquez de Valença e primo com irmão da infanta D. Beatriz, era de sua condição isento e livre. E por alguns descontentamentos que elrei delle houve, o mandou sair fora de Évora até sua mercê, o que o bispo logo cumpro, e se foi a Viana d'apar de Alvito, onde esteve muitos dias.

E indo elrei um dia a Viana o bispo mui acompanhado dos seus, e dos da villa, o veio receber ao caminho, e elrei lhe fez muito grandes honras e muito gasalhado, e á mesa com muita graça fallou sempre com elle; e assim na sesta com muito despejo, por onde o bispo ficou tão contente que lhe pareceo que elrei de todo era fora da paixão d'ellle tevera, e que indo com elle o deixaria entrar em Évora sem mais requerimentos e cometteu de o fazer.

E no caminho á vinda, vindo elrei falando com o bispo com muito prazer, vio passar umas azémolas do bispo, e conheceu suas devisas e armas; entendeu a tenção do bispo, e fez que não via nada; e vendo que o bispo por dissimulações queria entrar em Évora sem lh'o pedir, foi sempre falando com elle até santo André que é perto dos muros, onde já chegou muito noite, e ali lhe disse elrei: Bispo será bem que vos torneis embora que é já tarde, e assim o despedio; e o bispo corrido, e com seu fato já em Évora, e o fundamento desfeito, se tornou a Viana, onde chegou Às duas horas depois da meia noite bem enfadado e cansado, e porem de ahi a poucos dias o mandou elrei vir para a cidade, sem requerimento algum. [...]

“Principaes episódios eborenses na chronica de Garcia de Resende” in *Documentos Históricos da Cidade de Évora*. Imprensa Nacional Casa da Moeda, 1998, p.445.

LUÍS DE CAMÕES

1524-1580

Évora

Eis a nobre cidade, certo assento
Do rebelde Sertório antigamente,
Onde ora as águas nítidas de argento
Vem sustentar de longo a terra e a gente,
Pelos arcos reais que, cento e cento
Nos ares se alevantam nobremente,
Obedeceu, por meio e ousadia
De Giraldo, que medos não temia.

In *Os Lusíadas* – Canto III, estrofe 63. Lisboa: Imprensa Nacional de Lisboa, 2005, p. 96.

ANÓNIMO (ESTUDO E TRANSCRIÇÃO DE TERESA FONSECA)

Século XVIII

No anno de 1751 no pincipio de Janeiro pincipiou a chover tanta agoa todos os dias a fio que a 10 do dito mez vierão tão grandes trovões que durarão actualmente athe a 14 e de tal sorte atemorizada a gente recorrião a Deos pedindo mizericordia que não pareça senão castigo. Mandou Sua Excelência [o] arcebispo de Évora fazer preces para serenar o tempo com o efeito serenou o vento e agoa dentre de 3 dias. AS cheias erão tantas pelas ribeiras que se afogou muita gente e para constar na verdade hum caleçeiro se afogou e hum macho do Calvo, entre a fonte e o tanque do Xafaris das Bravas, defronte d eSão Sebastião, isto na estrada e calçada, tudo por ser a cheia grande na Torrejela, couza que nunca se vio. Tudo isto durou os dias de muita chuva, alguns 15 dias. E nos dias do mez de Novembro e Dezembro de 1750 tão bem choveo muita agoa e ouve cheias mas não chegou à de Janeiro. Querem dizer alguns que há annos atraz que não chovia tanta agoa junta [f. 42 v.] que todos os annos juntos não chegou ao tal mez de Janeiro de 1751. Veremos o que asucede daqui em diante.

Hoje, 24 de Janeiro do dito anno, athe hum boi de Bernardo Lobo se afogou; ficou lhe os cornos empesados no boraco da fonte, a não ser se não se afogua o tal caleceiro foi parar ao moinho da Torrejela e a cabeça ficou arrimada à fonte. Houve neste circuito nas ribeiras mais de sincoenta mionhos que forão pela agoa abaxo. Cahirão muitas paredes nesta cidade couza que nunca se tal vio.

In Triste e Alegre Cidade de Évora, Testemunho de um anónimo do século XVIII, Câmara Municipal de Évora, 2001, p.36.

RAMALHO ORTIGÃO

1836-1915

O que em ÉVORA nos embeleza e nos encanta, são os seus velhos mosteiros, as suas antigas egrejas, os nomes da suas primitivas ruas, estreitas e sinuosas, tão curiosas e tão arcaicos como o de Valdevinos, o de Alconchel, o das Amas do Cardeal, o do Alfaiate da Condessa; são os quadros incomparáveis do seu paço arquiiepiscopal; são os variadissimos documentos da sua architectura da Renascença, tão especialmente amouriscada nesta parte do Alentejo; são os restos das suas indústrias locais, a olaria, a tapeçaria, a caldeiraria, a celaria, a carpintaria de móveis, e talvez ainda a sua tradicional cosinha, a doçaria famosa dos seus conventos, a sua honrada assorda de cuentros, e o seu bôlo pôdre, de farinha de milho, azeite e mel, como o que se comeria talvez, entre os hebreus da Bíblia, à meza de Abrahão.

“O culto da arte em Portugal”, in *Agenda Eborá*, 7º. Ano, 1941, p.3

EÇA DE QUEIRÓS

1845-1900

A Feira de S. Brás

Quem me diria nos meus primeiros anos, quando eu me reputava feliz em ir ao Rossio comprar um lanceiro de barro, uma farfalhuda primavera, em furtar algum ganchinho para meia, quando me extasiava ante um pretinho arvorado em paliteiro, que ainda havia de ter à minha disposição uma crónica para descrever, para *cantar*, a Feira de S. Brás!

Este ano teve ela um terrível rival no passeio público; roubou-lhe muitos atractivos, muitos encantos!

O passeio apresentou nesses dois dias lindíssimos um carácter quase exclusivo; a feira de S. Brás foi quase exclusivamente também o verdadeiro arraial popular.

[...]

Embora venha o passeio disputar concorrência com ela, ela á a festa popular, ela é uma das mais queridas diversões da monotonia insuportável que pesa constantemente sobre o mundo eborense; ela perfaz por si só uma das tão raras épocas em que em Évora o homem conhece a mulher, em que vive com ela e perto dela, em que os dois sexos se confundem momentaneamente, em que se ri, em que se folga, em que se mostra por instantes a vivacidade aliás tão própria dos povos do Meio Dia.

“A Feira de S. Brás” in *O Distrito de Évora*, Lisboa: Livros do Brasil, [s.d.], pp. 128-129.

FIALHO DE ALMEIDA

1857-1911

Inscrições, túmulos, azulejos, ruínarias escoradas no ar por um prodígio de cenografia trágica, lúgubres palácios d’átrios silenciosos, cubelos e muralhas de guerra sôbre que se debruçam arbustos de jardim – de tal maneira estas camadas de civilização se sandwicham, comprimem, sobrepõem, que a cidade se me afigura, nêste meu vaguear à luz morrente, uma necropole museu de grande povo, aguardando o profeta que sobre ela desencadeie em versículos de fogo, o dies irae derradeiro.

“Estancias de arte e de saudade” in *Agenda Eborá*, 7º. Ano, 1941, p. 3.

AUGUSTO GIL

1873-1929

Sextilhas a um Menino Jesus de Évora

Num convento solitário
De Évora, cidade clara,
Claro celeiro de pão,
Existe uma imagem rara

Obra dum imaginário
Dos tempos que já lá vão...

É um Menino Jesus,
De bochechinha brunida
Cor de maçã camoesa,
Mas no seu rosto transluz
Uma expressão dolorida
Que enche a gente de tristeza...

De tantíssimas imagens,
Nenhuma vi que mais prenda,
Que maior ternura expanda,
Com suas calças de renda,
Seu vestido de ramagens,
- E coroa posta à banda...

In *Luar de Janeiro*, Lisboa: Ulmeiro, 1997, pp. 17-21.

JÚLIO DANTAS

1876-1962

A noite caíra pesadamente sobre a mole enorme de granito do convento de S. Francisco de Évora, quase tão velho como o próprio S. Francisco de Assis; descera cavando sombras ao longo dos gigantes da abside, apagando nas arestas da torre os cogoiolos de pedra doirada, povoando de vultos confusos as poderosas arcadas da galilé, onde a luz dum lampião de ferro oscilava açoitada pelo vento. Os sinos da oração tinham batido em todos os mosteiros da cidade – além, nos jerónimos do Espinheiro; mais perto, nos cartuxos de Ara Coeli; agora em timbres agudas e longínquos de sineta, logo em sons cavos de prato de cobre sacudido no ar; aqui, ali, picando Évora inteira, em todos os campanários, em todas as torres, nas bernardas de S. Bento, nas claristas do Calvário, nas carmelitas de Santa Teresa, nos dominicanos do Paraíso -, como se a cidade toda fosse um convento colossal sobre cujos telhados se debruçasse velho gigante romântico coberto da poeira de oiro dos séculos, a torre octogonal da Sé.

“A cidade dos mosteiros”, Conto “Frei António das Chagas” in *Pátria Portuguesa*”In *Pátria Portuguesa*. 7^a. ed. Lisboa: Livraria Bertrand, 1914, pp.168-169.

CELESTINO DAVID

1880-1952

Sertório e Geraldo-sem-pavor

Estes dois nomes, simples e sonoros, quási legendários, cantam nos ouvidos eborenses como notas claras dum hino triunfal. Não há, intra muros de Évora, alguém que os desconheça, voz de mansidão ou de rudeza, que os não tenha pronunciado.

Servem, desde longe, no baptismo das ruas e das praças; distinguem, no deslizar dos anos, fidalgos e plebeus que com tais nomes se crismaram; e, como se um e outro fossem apanágio de uma grande família – a senhora e possuidora de Évora-gloriosa, - não há, agora mesmo, moço que não ostente, velho que os não escreva a preceder o seu apelido, num orgulho de quem descendesse do velho lugar-tenente de Sila ou do aventureiro fronteiro de Afonso Henriques.”

Évora encantadora: impressões, arte, história. Évora: Livraria e Papelaria Nazareth, 1923, p. 9.

Templo Romano

Erguendo o vulto, o Templo augusto - o mutilado
Dos capiteis divinos
E fustes de granito canelado,
Que outrora ouviu os hinos
De graça eterna e música pagã
A algum deus imortal,
Saúda agora o sol e o canto da manhã
Que vibra, em duro bronze, a doce voz dos sinos
Na velha catedral...

Alguém que passa, afaga e sente,
No peito largo, a transbordar contente,
O sol glorioso,
Estranha o ar do grande monumento
Que a luz do Sol patina e tinge em rosas,
Aviventou na cor
E, ledado, e carinhosos,
Aromatiza e faz de sentimento:
Evocações deliciosas
De melodia, devoção e amor...
Em verso heróico e gregos ditirambos
De sonho de leveza,
O velho Templo e o rubro Sol desfiam
- Eternos ambos! -
A sua eterna e singular beleza,!

A par do Sol doirado,
O Templo abençoado a cerca da cidade,
Na luz moldado,
Ostenta e vive a sua eternidade!

Os raros capiteis revestem-se de luz
Maravilhosa...
E quando o seu fulgor afasta as andorinhas
Da sua paz divina,
Nas almas sobe, em cada olhar reluz,
As coisas embeleza

De vibração formosa,
De verbo iluminado,
A reza:
- «Bendita a mão que as tuas linhas
E a luz que as ilumina,
Ó Templo do Passado!
Ó Templo da Saudade!
Augusto e grave Templo arruinado,
Mas sempre belo em arte e magestade!»

Évora, Rapsódia de Imagens

MATOS SEQUEIRA E ALBERTO DE SOUZA (Matos Sequeira 1880-1962)

Para surpreender Évora íntima que o turista de três dias não chega a conhecer, correndo apenas de S. Francisco para a Sé, da Sé para o Templo de Diana, do Templo de Diana para os Loios, a Évora *paraíso de contemplativos*, para a perscrutar na sua beleza evocadora, para a estudar nas suas feições mais comunicativas, ha que repousar-se lá mais tempo, ha que espreitar pelas portas, enviesar os olhos pelos quintais, sentar-se a gente nos poiais e nos degraus dos pátios, viver com ela, adivinhá-la, senti-la. Como certas mulheres, Évora para amar-se exige-se que a conheçamos nos seus pormenores, nas suas atitudes íntimas. Não basta volver-lhe os olhos ao afeiçoado do rosto branco, fitar-lhe o garbo, contornar-lhe as linhas imprevistas, é mister conversa-la em longos colóquios mudos, meditá-la numa oblação de namorado, beber-lhe a poesia saboreadamente.

Évora, Lisboa: Empresa Nacional de Publicidade, SARL, [s.d.], p. 30.

FLORBELA ESPANCA 1894-1930

Évora

Ao amigo vindo da luminosa
Itália, a minha cidade, como eu
Soturno e triste...

Évora! Ruas ermas sob os céus
Cor de violetas roxas... Ruas frades
Pedindo em triste penitência a Deus
Que nos perdoe as míseras vaidades!

Tenho corrido em vão tantas cidades!
E só aqui recordo os beijos teus,
E só aqui eu sinto que são meus
Os sonhos que sonhei noutras idades!

Évora!... O teu olhar... o teu perfil...
Tua boca sinuosa, um mês de Abril,
Que o coração no peito me alvoroça!

... Em cada viela o vulto dum fantasma...
E a minh'alma soturna escuta e pasma...
E sente-se passar menina e moça...

GILBERTO FREYRE

1900-1987

“Concordo com o Torga: a «monotonia» da paisagem do Alentejo é falsa. Verdadeira é a sua «riqueza de segredos». Quem quiser descobrir o que o Alentejo tem de grande na sua população e na sua natureza que venha até cá com os pés macios de um ladrão ou os disfarces subtis de um detective inglês.

[...]

Tomando nota, em Évora, de documentos raros e de manuscritos preciosos e copiando de alguns, trechos sobre a matéria mais relacionada com os seus estudos, creio ter saído da velha Biblioteca, deixando nela um pouco de mim mesmo. Pois não há quem abandone um lugar amado de súbito, sem deixar aí um pouco da própria pessoa.

Quando saí da Biblioteca, a cidade estava escura: era quase noite e Évora à noite é ainda mais Évora do que durante o dia.”

In *Aventura e rotina*, 2ª. ed.. Lisboa: Livros do Brasil, s.d., pp. 84 e 88.

VITORINO NEMÉSIO

1901-1978

Mais uma vez mão amiga me leva aos plainos alentejanos, e, comigo, aqueles “cuidados literários” com que um grande humanista, duas vezes prelado do Alentejo, rubricou um dos seus livros cheios de vigilância intelectual e de humana doutrina. Não se dá um passo para o sul do Tejo sem que a memória de D. Frei Manuel do Cenáculo se projecte fecunda no caminho. [...] Na metrópole eborense os seus passos contam-se quase pelas grandes instituições de cultura: a biblioteca, o museu, o arquivo, o tesouro e o cartório da Sé. Os velhos arqueólogos de Évora, de Rivara e Gabriel Pereira a Filipe Simões e a Barata, trabalharam na pista de quem acordou a alma da cidade e da província de quem acordou a alma da cidade e da província, adormecida desde o mecenato do Cardeal-Infante e do humanismo dos Clenardo e dos Resende.

“Alentejo – Terra e Literatura” In *Diário Popular*, de 22/2/1946, Cit. Antologia de temática alentejana: morena a terra moreno o canto. – Selecção, prefácio e notas de Joaquim A. Moura Fernandes, Évora, 1984, p. 34.

Balada de Évora

Évora aberta á lua plana
Do trigo seco nas almearas,
Árabe, gótica, romana,
Mostrando a pedra esconde as caras.

E vai, vogada nos muros
Como uma barca contra o vento,
Abrindo os ângulos escuros
A amores de léguas num momento.

Tão sossegada na cal branca,
Lá desgolada, já sem forças,
Traz setas de palha na anca
Como um galope de corças.

Olhai o verde limoeiro
Que seios nos seus poços!
E o pelicano e a camareira
Timbrando as naves cheias de ossos.

Pálida moça, tão berbere
Nas horas duras do rescaldo!
Há sempre um jovem que a prefere
Com ousadias de Geraldo.

Nocturno, na esteva quente,
O ar das eiras a enevoa:
Évora corre á nossa frente
Como o perfil de uma pessoa.

Quem viu Évora esqueceu tudo!
Uma arreata de pelicos
Lá guia os porcos ao montado:
Tempo que faz celeiros ricos
A frente de Évora o tem suado.

Ó torre dos coruchéus
Não olhes tanto os montes tristes!
Évora, freira sem véus,
Tão erma ao Sol, como resistes?

Calada em campo de azinho
Qual a lisonja em seu escudo,
Só da cegonha resta o ninho
Quem viu Évora esqueceu tudo!

“Almanaque Alentejano” – 1965.

MIGUEL TORGA

1907-1995

Em Portugal há duas coisas grandes, pela força e pelo tamanho: Trás-os-Montes e o Alentejo. Trás-os-Montes é o ímpeto, a convulsão; o Alentejo, o fôlego, a extensão do alento.

[...]

Aproveitando os incentivos do meio e os recursos do seu génio, o alentejano faz milagres. A própria paisagem sem relevo o estimula. Faltava ali o desenho e a arquitectura, que nas outras províncias existem na própria natureza. Pois bem: concebeu ele o desenho e a arquitectura. E, na mais rasa das planícies, ergueu essa flor de pedra e de luz que é Évora!”

In “O Alentejo” in *Portugal*. Coimbra: [s.n.], 1950, pp. 113 e 118.

Canção a Évora

Évora que não és minha
E o que eu gostava de ter:
Moira cativa e rainha,
Que não pude converter!

Não tenho nas minhas veias
Nem o templo de Diana,
Nem a praça de Geraldo,
Nem a brancura redonda
Da água das tuas fontes...

Tenho montes,
Vinho maduro e granito,
E esta certeza de ser
Filho de Cristo e de Judas.

Ah! Se eu pudesse mudar,
Já que tu, não mudas!...

In *Diário III*

AZINHAL ABELHO

1911-1979

Salmo de Tristeza às ruas de Évora

[...]

Nestas ruas de silêncios mornos
Em que as juntas das pedras dão gemidos
E pela calada da noite
Há vultos embuçados, combalidos;

Num passear trágico, ostentando
Mantos reais esfarrapados
Cetros de vidro partidos
Ai! E a tarde morreu-se aos poucos ...
Ruínas e ossos partidos.
Cantares e gritos de loucos!
Évora está toda em alma ...
Évora toda em suão ...
Évora, em manto real
À espera da coroação.
Évora está toda em cal,
Évora está toda em lua ...
- Ó Portugal, Portugal! –
É mais minha do que tua.”

In *Boletim A Cidade de Évora*, nº. 67-68, p. 134.

TÚLIO ESPANCA

1913-1993

Vários são os núcleos de tecido urbano onde persistem as mais notáveis características populares da ancestralidade mediévica, mourisca ou judaica, evidenciadas pelas Alcaçarias, Alcárcovas e Freirias, Rua do Cenáculo, Porta de Moura e Porta Nova (Largo Luís de Camões), Travessa da Caraça, Largo da Graça, Beco do Chantre, Judiaria (Ruas da Moeda e dos Mercadores), Bairro dos Penedos, Largo Severim de Faria e Travessas do Pão Bolorento e Torta. A Toponímia do burgo primitivo conservou, igualmente, arcaísmos sedutores no caminho da história tradicional, biográfica, jocosa ou analógica, nomes remontáveis ao período trecentista, com alguns de reminiscências muçulmanas: Ruas do Malbarbado, Aferrolhados, Alfaiate da Condessa, Açacal, Ancha, Amas do Cardeal, Cozinha de sua Alteza, Alconchel, Mau-Mundo (Mahomud), Balandrau, Beguinos, Cogulos, Caraça, Imaginário, Casas Pintadas, Diabinho, Escudeiro da Roda, Lança e Dardo Malforo, Mangalaça, Meirinho, Matamouros, Tinhoso, Selaria, Pedras Negras, Três Senhores, Valdevinos, Alcatras, Cabeça de Lobo, Donzelas, Esnoga Grande, Frades Grilos, Mancebia Velha, etc., etc.

Évora. Encontro com a cidade. Évora: Câmara Municipal de Évora, 1997, p. 27.

ALBERTO CUTILEIRO

1915-2003

Recordando o Passado

Agora que a Imprensa diária volta a começar a falar na poupança de energia com o aumento dos custos do petróleo, passa-me pela mente os conturbados tempos aí

passados em Évora nos anos quarenta durante a segunda guerra, os relógios atrasados duas horas durante o Inverno, para quem trabalhasse, tivesse mais horas de luz natural.

Então verificava-se o apagar das luzes de iluminação pública à meia-noite mergulhando a cidade no mais profundo silêncio envolta nas brumas da noite. Era belo, no entanto, ver-se a cidade quando havia luar, a majestade dos edifícios, as suas ruelas estreitas, o casario branco a que a escuridão quando madrugada lhe dava o ar pardacento, os passos que algum madrugador dava que nos surgiam aos ouvidos em som pesado que repercutia nos becos e nas travessas. Évora, a bela dormia! O Templo Romano nessa altura cercado de gradeamento, parecia que desabava sobre nós o seu alteamento e tudo isto aliado ao silêncio e ao frio que nos enregelava, da madrugada que rompia e nos trazia embevecidos e deslumbrados perante tanta beleza e assim mesmo, em carências!”

In *Diário do Sul* (Évora), 26/10/1990.

VERGÍLIO FERREIRA

1916-1996

Évora é uma cidade branca como uma ermida. Convergem para ela os caminhos da planície como o rasto da esperança dos homens. E como a uma ermida, o que a habita é o silêncio dos séculos, do descampado em redor. Conheço, dos seus espectros, a vertigem das eras, a noite medieva mora ainda nas ruas que se escondem pelos cantos, nas pedras cor do tempo ouço um atropelo de vozes seculares. Vozes de população, gritos de condenados, eco de reis, senhores, estrépito de guerras, ódios e sonhos, sob a imobilidade dos mesmos astros. Como um cofre do tempo, a cidade ignora a exactidão do presente, conhece apenas o alarme da memória. As casas novas têm todas a mesma idade de séculos. E quando se sai da cidade, a planície prolonga, até a um limite irreal, esta voz de infinitude.

“Carta ao futuro” In *Vértice, Revista de Cultura e Arte*, nº. 180, Setembro de 1958, p. 457.

E eis que me instalo enfim na minha casa do Alto. Tomado o desvio para São Bento, sobe-se depois aos moinhos: a casa fica ao lado direito. Uma vizinha trata-me dos arrumos, tomo na cidade quase sempre as refeições, mesmo as ligeiras, que, todavia, por vezes eu próprio preparo. No pátio em frente há um toldo de glicínias que começam a florir, e, debaixo, bancos de madeira apodrecendo. (...) Atrás há um quintal semeado que não arrende e onde crescem favas novas, uma mesa de pedra e bancos junto à casa para os grandes calores de Verão. Para longe ondulam linhas brandas de colinas, salpicadas de casas brancas, donde sobem vozes anónimas de gente, cânticos de galos que vibram no ar com um sinal antigo de terras solitárias. Fixo três grandes pinheiros de vasta copa redonda, não longe dali, a cuja sombra eu me iria estender nas tardes de grande sol. Mas o que eu sobretudo gostava de olhar era a cidade. e eu a revejo agora do meio da minha noite, plácida e branca, cercada de infinitude. Instala-se na colina, cisma para a lonjura, onde me abismo também, veste de branco a acumulação dos séculos como de um luar de morte.

O Verão chegou à cidade como uma explosão. Maio viera sereno, com alguns dias de chuva, continuando quase o Inverno. A chuva desapareceu, o tempo

estabeleceu-se em acalmia. No pátio do Liceu as quatro árvores reverdeceram. (...) Ao fim das aulas divago pelo jardim público para ouvir os pássaros. Pelos túneis de sombra os mióporos espargem florezinhas brancas como numa apoteose. (...) Sento-me, reconciliado, nos bancos de azulejos, fechados em recantos clandestinos, vou visitar Florbela, olho-a de um banco de madeira que lhe fica em frente, medito com ela. É uma cabeça calma, triste e majestosa. Banha-se de grandeza e gravidade desde a fronte cansada, que verga sobre as mãos em repouso, até às espáduas largas, em que o pescoço se espraia. Sinto que ela prevaleceu sobre a melnocolia dos séculos e que chegou até nós para nos dar testemunho. (...)

In *Aparição*, Bertrand Editora, Lisboa, 1994, p. 189 e 190; p. 243 e p. 244.

ANTUNES DA SILVA

1921-1997

Giraldo

Quem vem aí? Quem chegou?
É Giraldo, o cavaleiro, Que ledo ressuscitou,
Ousado, forte e guerreiro.
Vem saber da desgraça
Em que a nação se atolou
E por caminhos de caça
Outro caminho encontrou.
Já tem data marcada
Para as suas hostes unir,
Há-de ser de madrugada
Que Giraldo irá surgir.
Irão vir ventos e luas
Desflorar as trevas todas,
Enquanto em largos e ruas
Haverá risos e bodas
Em honra do salvador
Montado no seu cavalo,
Digno fidalgo e senhor
E de sua pátria vassalo.

Jornal II In *Breve Antologia Poética*. Évora: Câmara Municipal de Évora, [s.d.], p.133.

JOSÉ SARAMAGO

1922-2010

Diz-se que a história certificada é só aquela que tiver sido passada a escrito, mas a história autêntica da colina de Évora e das suas cercanias, a história que não teve

ninguém que a descrevesse, mas que nem por isso foi menos substancial, essa história ilegível, inscrita na superfície do tempo, é o alicerce mais profundo sobre o qual se edificou, destruiu e tornou a edificar a cidade. Até hoje.

O próprio topónimo, Évora, quando o pronunciamos, quando nos detemos a escutá-lo, ressoa na nossa boca e nos nossos ouvidos como a memória de uma voz arcaica.

Porque Évora é principalmente um estado de espírito, aquele estado de espírito que, ao longo da sua história, a fez defender quase sempre o lugar do passado sem negar ao presente o espaço que lhe é próprio, como se, com o mesmo olhar intenso que os seus horizontes requerem, a si mesma se tivesse contemplado e portanto compreendido que só existe um modo de perenidade capaz de sobreviver à precariedade das existências humanas e das suas obras: segurar o fio da história e com ele bem agarrado avançar para o futuro. Évora está viva porque estão vivas a suas raízes.

José Saramago e Eduardo Gageiro, *Évora, Património da Humanidade*, 2ª. ed., Évora: Câmara Municipal de Évora, 1997.

O viajante está em Évora

[...]

Em Évora há, sim, uma atmosfera que não se encontra em outro qualquer lugar; Évora tem, sim, uma presença constante de História nas suas ruas e praças, em cada pedra ou sombra; Évora logrou, sim, defender o lugar do passado sem retirar espaço ao presente. Com esta feliz sentença, dá-se o viajante como desobrigado de outros juízos gerais, e entra na Sé.

Há templos mais amplos, mais altos, mais sumptuosos. Poucos têm esta gravidade recolhida.”

Viagem a Portugal. 15ª. ed. Lisboa: Caminho, 1997, pp. 342-343.

URBANO TAVARES RODRIGUES

1923

Toda a brancura do mundo revoava e brilhava no adro quando os príncipes entraram na Sé. Era um espectáculo que Évora nunca vira: os véus diáfanos, os alvíssimos vestidos de longa cauda, arrastando-se pelos degraus do nártex, e tanta flor no ar, o sorriso a nascer nos lábios vermelhos das moças casadoiras, seios a altearem-se docemente, prestes a fugirem dos peitinhos, gargantilhas de cetim pregueado, bordados em coração, capotes de seda creme ou verde e de veludo, colares de pérolas e pálidas safiras, filigranas de prata, a clara tempestade dos risos venturosos, por todo o lado, concentrando-se no portal da igreja, de arco quebrado, onde as estátuas dos apóstolos recolhiam o ouro branco da manhã e o espalhavam pelo largo. A luz tornava-se amor, superficial embora, circunstancial, mas amor (ao mito dos reis, os eleitos de Deus), luz que escorria pelos telhados e pelas sacadas em volta, descendo, a sonhar, pelas paredes, pelos umbrais dos palácios, saudando a hora do enlace de D. Afonso e de D. Isabel.

In *Os Campos da Promessa*, Ataegina, 1998, p. 63 e 64.

Ludovino quase não dormiu. Teve pesadelos, de uma espantosa nitidez, em que presenciava de longe, manietado, a agonia de Mariela.

Mas o amanhecer de Évora foi diferente. Quando Ludovino abriu a porta da rua, tudo estava muddo. Era o abraço gelado do inverno. O chão delicadamente branco, foo, quase irreal.

Contra o céu de chumbo destacavam-se as antenas das televisões e as torres cimeiras de trinta igrejas, ou mais.

Não é uma alucinação. São farrapos brancos descendo de um incerto firmamento sobre a alvura da cidade, cobrindo já e apaziguando a harmonia do templo de Diana, as gárgulas da Sé e os seus esgares, os palácios barrocos, o chão das ruelas e das praças que estremecem de frio e de fervor, na palidez da luz.

In *Caíram Flores sobre Évora*, Câmara Municipal de Évora, 2003, p. 16 e 17

FERNANDO CAMPOS

1924

A letra pitagórica

[...]

- Vê tu, irmão Diogo - digo eu -, como a minha vida se assemelha no presente momento a esta encruzilhada de caminhos!

Trazemos os pés macerados das longas caminhadas e a garganta seca do pó das sendas de terra batida e do sol violento, a pino. Recorta-se já na linha do horizonte o perfil de Évora, aonde contamos chegar a meio da tarde, a horas de vésperas. Vimos de longe, nop nosso tirocínio de noviços. Há mais de um mês andamos calcorreando toda a região. Seguimos pelo trilho que corre a par com o aqueduto em obras de reconstituição. O sábio André de Resende descobrira os vestígios do antigo aqueduto romano de Sertório e el-rei D. João III convenceu-se da bondade de tal empreendimento.

A Casa do Pó. Difel, 1986, p. 35.

JÚLIO VIEIRA

1928

A Escola de S. Mamede e a Escola dos Padres

(...) Dias antes do início das aulas, meu pai, para me ensinar o cmainho, levou-me a visitar a futura escola, construção conventual encostada à Igreja de S. Mamede, de grossas paredes amparadas a pilares de granito que acompanhavam o acentuado declive do terreno. No largo em frente perfilavam-se algumas velhas árvores tristes. O vetusto edifício, mal adaptado e sem o mínimo de requisitos pedagógicos, concentrava a buliçosa população masculina da escola primária oficial da cidade. Sombrio e de mau agoiro me pareceu tudo aquilo: a igreja, o largo informe e ladeirento, o casarão acororado da escola. Infelizmente, estas impressões pessimistas vieram a confirmar-se.

(...) Fora da escola melhoravam as minhas relações com os rapazes da Rua e do Largo. A animosidade deles esbatia-se, tanto mais quanto o *Juventudes* retomara a primazia no quadro do futebol distrital.

(...) Freqüentador Assíduo do Largo, os rapazes habituaram-se à minha presença como companheiro de brincadeiras e parceiro do jogo da bola. O meu espírito de luta foi utilizado nas disputas do grupo do Largo contra os rivais das redondezas e outros mais distantes, como os *Vadios do Farrobo*, uns peneirentos que se julgavam imbatíveis. No final dos jogos rebentavam rixas e choviam pedradas.

In *Cidade de Província*, Palas Editores, 1990, p. 21 e p. 26.

MARIA AMÉLIA CUTILEIRO ÍNDIAS

1928

A Orquestra Sinfónica Eborense

Sim, existiu, na década de quarenta, durante alguns (poucos) anos.

Produto do dinamismo do tenente Alves, regente de uma banda militar e professor de canto coral do liceu, congregava músicos - quase todos amadores - de idades e profissões das mais variadas

O gosto pela música irmanava estudantes e empregados de escritório, professores e carpinteiros, empregados de comércio e funcionários públicos: dos 14 aos 60 anos, o leque de idades era vasto.

O caso mais curioso era o dos primeiros violinos: um estudante liceal d 14 anos - O Lima de Freitas, que viria a ser um notável pintor - um professor de liceu, o Dr. Cotta e um carpinteiro, também do liceu, o Sr. Baptista, de idade avançada, ocupavam os seus lugares no naipe referido.

Em vésperas de espectáculos, os ensaios decorriam no Teatro Garcia de Rezende. Primeiro a Orquestra, depois o Orfeão a que eu pertencia. (...)

O repertório, habilmente escolhido pelo tenente Alves, revelava os seus dotes pedagógicos na divulgação dos bons autores musicais. (...)

Austero e exigente, mas justo, sabia estimular o gosto pela música e encorajar os alunos e as alunas que desafinavam no coro (...).

Para adquirir alguns instrumentos recorreu a uma subscrição pública. E no final expôs os instrumentos numa das grandes montras dos armazéns Chiado, na Praça do Giraldo, onde agora se situa o Montepio Geral. Para que a população pudesse apreciar o resultado da sua contribuição.

E foi assim que eu vi, pela primeira vez, um oboé, um fagote... (...)

In *Évora, ontem e hoje*, Edições Colibri, 2004, p. 85 e p. 86.

Com os cumprimentos da gerência

O velho Anselmo ainda o conheci quando viemos morar para a Rua João de Deus, antiga Rua Ancha ou «Ruancha», como se pronunciava, importante artéria entre a Praça do Geraldo e a Porta Nova, de grande actividade comercial e onde se situava o importante estabelecimento de mercearia de que era dono e senhor. Usava «tacho», uma espécie de boina com a forma que o nome sugere, de cor preta, colado bem ao alto da cabeça, e guarda-pó de caqui cinzento, como era então regra nos caixeiros de mercearias e drogarias.

Nesses anos da Segunda Guerra Mundial, em que praticamente faltavam todos os artigos de primeira necessidade ou estavam sujeitos a rigoroso racionamento, o conhecer por dentro este armazém de mercearias foi de imensa utilidade para a nossa família, em geral, e para mim, em particular, pois esta ligação evitou-me, pelo menos neste domínio, a chatice das filas intermináveis que me tocavam maioritariamente, uma vez que ainda não ia à escola, tendo-me tornado especialista nos mandados. Não me livreí contudo, das outras filas como a do pão, a do carvão, a do talho...

Saído da Rua do Segeiro, sem que me tivesse sido perguntada a minha opinião, e interrompido, no melhor ainda da minha aprendizagem, o ofício de carpinteiro que vinha desenvolvendo ao lado do senhor Roberto, depressa me iniciei noutra ramo profissional, que durou alguns anos, que foram talvez os melhores da minha meninice. Fiz-me, entre outras coisas, caixeiro de mercearia, de verdade. Aviava, pesava, media, empacotava... e até sabia partir o fio dos embrulhos num gesto seco e rápido de dedos «já calejados», tão próprio de um caixeiro despachado. (...)

In *O Cheiro da Madeira*, Editorial Notícias, 1993, p. 75 e p. 76.

O Jardim Público

O Jardim Público, o maior dos três então existentes, era, nesse tempo, o principal centro de convívio aberto aos habitantes do centro urbano da cidade. Havia música aos domingos e às quintas-feiras ao serão, executada pelas bandas de Infantaria 16 ou dos Amadores de Música. À volta do coreto, na larga rua central, um numeroso grupo, de entre os mais velhos, assistia aos concertos, uns de pé, outros sentados em incómodas cadeiras de ripas, de abrir e fechar, alugadas pelo Hospital da Misericórdia a troco de uns tostões.

À semelhança de muitas mulheres, a nossa mãe sentava-se num dos muitos bancos dessa rua, mais iluminada e movimentada, a conversar com outras mães que, como ela procuravam chegar mais cedo e arranjar lugar naqueles bancos, anatomicamente mais cómodos, mais perto da música e do movimento de gente, sempre muita nestes serões. (...)

À porta do jardim, a tia Parreira e outras vendeiras armavam bancas com tudo o que ali tivesse consumo. A iluminação destas bancas, vale a pena recordar, era a chama de um bico de acetileno. Tremoços, ervilhanas (amendoins) e pevides de abóbora secas e salgadas, para os mais crescidos, e rebuçados e chupa-chupas de fabrico caseiro, para a criançada, estavam sempre à disposição da muita clientela. A água fresca, em bilhas de barro, vendia-se a tostão o copo (sempre o mesmo). Havia ainda pirolitos e umas

garrafinhas de água com groselha ou capilé que se bebia por uma «palinha» de lata, dobrada em ângulo recto, e ornamentada com um cavalinho, também de lata, de cores garridas. Sempre os mesmos, estes tubinhos de chupar, passavam de boca em boca, de cliente em cliente.

Ao aproximar-se a meia-noite, o guarda ao portão principal dava um primeiro toque de sineta para avisar o fecho próximo do Jardim. Os músicos, que já haviam dado por findo o concerto, arrumavam os instrumentos e saíam em formatura, a passo certo, com o chefe da banda a comandar e a dizer adeus aos seus fiéis espectadores. As famílias começavam a reunir-se, as mães chamavam filhos e filhas e os namorados despediam-se com sorrisos e leves enlaçar de dedos. Chegadas a casa lavavam-se os pés da terra e do pó, que as sandálias sempre deixavam entrar, e só depois íamos para a cama. (...)

In *Fora de Portas - Memórias e Reflexões*, Âncora Editora, 2008, p. 99.

MARGARIDA MORGADO

1932

évora enigma de ruínas¹
sob o céu azul
intensamente azul

o olhar perde-se nas esquinas
embate em sombras
liberta-se em luz

évora dos súbitos labirintos
que perdidos percorremos
sem bem saber como entrámos
nas falsas encruzilhadas
com segredos e enredos
de moiras emparedadas

évora milenar menina
crescida em ermos de solidão
espreitando pelas esquinas
de promessas não cumpridas
na hora prometida

em vão eternamente em vão

Évora, Junho de 2004

¹ Poema feito para o Documentário “No Coração de Portugal” de Jean-Philippe Pierrot

Água pródiga. Évora: associ’arte – associação de comunicação e artes, 2007, p.

MÁRIO VENTURA HENRIQUES

1936-2006

“Évora foi sempre a urbe maior das terras alentejanas, e só os mal intencionados recusarão considerá-la como a segunda de Portugal em tamanho e importância. O número de almas que a povoam é superior a dez mil, gente de todas as raças e diversas proveniências, e dela partem dez estradas que são como veias que alimentam o reino, mais do que este alimenta a cidade. Ergue-se num ponto alto, dominando a planura várias léguas em redor, posição a revelar a sagacidade daqueles que a fundaram: não a fizeram por isso inexpugnável, mas transformaram-na num símbolo de poder que não pode deixar de impressionar quem quer que seja. E, dentro da cidade, a catedral é o seu ponto mais elevado – outra prova de perspicácia dos antepassados -, sede do verdadeiro poder que sobrevive, intacto e intocável, a tudo o que é transitório na existência. Ali estão colocados, neste momento de crise, os olhos e o sentir da população, porque é do céu que sempre se espera solução nos transe mais dolorosos.”

[séc.XVII]

Évora e os dias da guerra. Lisboa: Editorial Caminho, 1991, p. 39.

JOÃO DA ENCARNAÇÃO REIS

1939

Uma aula inesperada

Pelas onze horas da manhã, André de Resende desembocou no Giraldo, com os pescadores da véspera. Já nesse dia tinham ido em visita a S. Francisco e depois também à Graça, onde o Mestre pôde admirar as inscrições da fachada, das quais ele próprio fora autor.

Era terça-feira, dia de S. Porco. A praça regurgitava de lavradores, reunidos em magotes e tratando de negócios. Os cinco duraram por entre a multidão e foram sentar-se à volta da velha fonte, em bancos que encontraram disponíveis.

- Esta fonte é bem bonita! - diz André.

- Mas mais monumental e belo era o arco triunfal romano que aqui estava antes dela.

- é verdade, Mestre - atalhou o pescador com saberes de História. - Como se deve lembrar ainda, ela foi construída no reinado de D. Sebastião, a instâncias do Cardeal-Infante, duas personagens que o Mestre bem conheceu. E foi o próprio Cardeal que, para desafrontar Santo Antão, mandou pôr abaixo aquela importante relíquia do passado. (...)

In *Crónicas com Évora em fundo*, Casa do Sul, 2000, p.63 e 64.

Anéis de Água

A quem a pé sai da cidade de entre muros pela Porta de Alconxel, logo lhe aparece à esquerda, do outro lado da rua, o convento de Nossa Senhora dos Remédios.

Visto com atenção a essa curta distância, ele parece ter a leveza de um branco voo de pombas saindo de seu pombal, tão leve e branca e variada se levanta a massa do edifício.

Mas aproximemo-nos dele, tomando todas as cautelas a atravessar o cruzamento de estradas, pois o trânsito de veículos motorizados é bem mais importante que a passagem de peões!

Começa o imóvel por ter, em sua frente, um pátio fechado de razoáveis proporções, e um pequeno alpendre com três arcos em granito.

Para quem entra no convento vindo da rua, ou para a rua sai vindo de dentro, o pátio é um precioso espaço intermédio de habituação a cada uma destas duas realidades ou ambientais antagónicas.

Por um lado, é já e ainda espaço fechado e protegido, semelhante ao interior do convento; mas por outro lado, ele é um espaço relativamente livre como definitivamente acontece na rua. Se nele há silêncio, quase como lá dentro, também nele se sente o rumor que há cá fora. (...)

In Novas Crónicas com Évora em fundo, Casa do Sul, 2003, p.35 e 36.

FERNANDO GRADE

1943

Museu das Formigas

Um objecto redondo parecido com uma rosa
rodopia por entre o cheiro das minhas mãos.

A água vai descendo
cada vez mais subterrânea:

pela rua do Cicioso,
pela Alcárcova de Cima,
pelo Largo do Senhor da Pobreza,
pela rua do Conde da Serra da Tourega.

O corpo move-se.

Também as máscaras se movem pelos sítios mais esconsos da cidade,
até ao sabugo,
ao último cigarro.

No Alentejo a flauta flutua. E

a palavra pedra agora segue dentro de uma carta
(estas urdidas por saliva e trigo ainda molhado)

a caminho de Lisboa. Um beijo com pouca seda
fugindo de Évora, pela Praça de Giraldo,

pela antiga rua de Alconxel,

o mesmo sítio por onde,

preversas, algumas moças sacodem as crinas

e - montada em jeans triunfantes-

saem à procura do mar.

Mas o museu resiste: sabe a terra:

é de formigas gloriosas,
Corpos sentados junto do fogo,
por muitas luas.
Sempre será aqui o lugar da casa.

Évora, 22 de Maio de 1978

In Viola Delta II (Livro colectivo), Edições Mic

JOSÉ MELO
1948-2010

Postal Ilustrado I

Se é castigo
ver o também passar,
levando consigo as razões de ficar
preso às arcadas,
às ruas estreitinhas,
às janelas gradeadas,
à luz das casas branquinhas.

Se é castigo
guardar na memória,
histórias de ganhões, farrobistas,
maltezes, burgueses e bufalhões,
lembranças, promessas
e p'ra que não esqueças
velhinhas canções.

Quem é que me traz da feira
um algodão doce.
Quem dera que fosse, já,
noite de S. João.
Quem é que ainda tem guardado
um brinquedo, d emadeira,
comprado na feira.

In Debruçada na Planura, 1998.

DULCE SANT'ANNA

?

Catedral De Évora

Vista da minha janela
A Sé Catedral é bela,
Bela, como outra não vi...
É de uma beleza tal,
Transcendente... divinal,
Que na minha Fé...senti!
Olheia-a extasiada...
Fiquei tão maravilhada
Com uma imponência,
Que, quis imortazá-la
Esculpi-la ou pintá-la,
Embora sem competência.

Não consegui concerteza
Dar-lhe essa total beleza
Que ela tem... na verdade!
Tanto isso me desgostou,
Que a minha alma chorou
Por tal incapacidade!...

In *Sombra... e Luz*, Évora, 1984, p. 129.

FELÍCIA FESTAS HORTINHAS

?

Évora Cidade Antiga

Évora cidade antiga
Património mundial
De beleza enriquecida
Das outras foi escolhida
E representa Portugal.

Évora os teus monumento
Seguidos por meus olhares
Ficou-me um no pensamento
Por ter a jaer lá dentro
Restos mortais aos milhares.

Muitos passam nem reparam
No nosso Templo Romano
Mas deviam de pensar
Que ali naquele lugar

Pereceu muito ser humano.
Évora já foi pequenina

E agora está expandida
Já deixou de ser menina
Esta cidade divina
Passou a ser mais crescida.

Évora foi conquistada
Por Geraldo, O sem Pavor
Por muitos é invejada
E por nós sempre estimada
Sabemos o seu valor.

In *Sonhos de Amor*, 1998.

LUÍS BÁRBARA

?

- Água fresca da Fonte das Bravas! - Um homem de tez escura do sol, coifa na cabeça, túnica parda de velhice, a esgarçar nas extremidades, empurrava a custo, ladeira acima, um carro de mão um tanto “sui-generis”(…).

A rua passava por uma das torres da cerca velha e pela Fonte do Sertório, vindo dar, entre os arcos, à Rua Ancha nas traseiras da igreja de Santantoninho e à Praça Grande que àquela hora, e sob o sol matinal, era um reboiço. Tendas e mais tendas pejavam toda a praça. Açafates e panos pelo chão. Rebanhos de ovinos e varas de suínos, que os guardadores se viam em palpos de aranha para conter. Manada de gado vacum e cavalos. Cavalos que calcorreavam para aqui e para ali. Outros passados à guia... Era uma feira. Magotes de gente e de animais, de panos vivos e de ranchos de criança davam um espectacular colorido à praça.

In *O Caso do Justinho de Évora*, Edições Vieira da Silva, 2012, p.293 e p. 294

LUÍS FILIPE MAÇARICO

1952

Concerto na Sé de Évora

Na bela companhia dos violinos
Do órgão e do contrabaixo
A voz rasgará o silêncio
Cantando uma luz antiga
Para acariciar a pedra austera.

In *A Celebração da Terra*, 1999, p. 18.

MIGUEL SOUSA TAVARES

1952

Amanhecia em Évora. O sol saía da planície e espreitava entre os muros caiados da cidade. Passou pelas ruínas romanas do Templo de Diana, as suas colunas de granito cinzento suavizadas pela luz da manhã nascente. Vinha aí um belo dia, d sol e frio, um dia perfeito para ficar à lareira a ler histórias. O café da esquina acabara de abrir portas: espreitou lá para dentro e constatou que o dono já ligara a máquina de café e havia até um cliente ao balcão. Pediu um café, uma sanduíche de presunto e uma garrafa de água e veio sentar-se cá fora, escutando os ruídos da cidade que acordava. Eva. Év...ora. A cidade branca acordava.

In *Madrugada Suja*, 2013, p. 22

LUÍS CARMELO

1954

Capítulo 15

Primavera de 1970. Leonardo atravessa o tabuleiro da Praça do Giraldo, soam agora mesmo as dez badaladas da manhã, na Igreja de Santo Antão. Vão com lentidão, auscultando a modorra dos taxistas, acautelando o grande embrulho que leva sob o braço esquerdo. Ainda bem não, acena para os antigos alunos do liceu e, como todos os dias, dirige-se depois para o quadro necrológico, ali ao lado da livraria Nazareth. Dá então meia-volta, atira a beata para o chão e pára. Com o olhar franzido e ar d muito poucas falas, Leonardo segue com o pescoço os limites da praça, como se tornasse a adivinhar todo o seu espaço. Ou enigma. Enquanto muda outra vez o embrulho de mão, lá mete, finalmente, pelas arcadas até ao café do mesmo nome, o Arcada. Passa pela porta giratória e, de repente, parece ter entrado numa gigante caixa de ressonância a algazarra, berraria de vozes masculinas, apenas quebrada por um altifalante de onde uma menina chama ao telefone um tal senhor Amílcar Cabral. Deve ser graça. Mas Leonardo vai impávido, como se atravessasse um deserto puro e vazio, alheio a toda a multidão, alinhada em mesas e mais mesas deste imenso café. O ambiente, por aqui, é de um ócio ancestral. Os homens falam aos gritos, sempre ao mesmo tempo, espalhando um cantochão desesperado, gigante fábrica sem produto final, só ruído, acertos suínos, contas por pagar, preocupações de coentrada e nem já o lusitano tem piada.

In *Sempre Noiva*, Vega, 1996, p. 95.

Devido a esse último fôlego dos estudos, e depois de uma breve passagem pelo secundário, lá me tornei assistente da Universidade de Évora, em 1981. Aí, e ao contrário da Florbela, todas as ilusões da verde idade sem finaram. Vi então com os meus próprio olhos como os grandes ideais, visionados na cabeça de alguns *fraticelli* da actualidade, podem de facto tornar-se pequeninos, mesquinhos, sem futuro. Bastava ver o que a Câmara local fazia. O cerco à minha desilusão haveria de completar-se quando verifiquei que, no seio da próprio universidade, as novas esquerdas e direitas eram uma catástrofe. Iguais a si próprias e reflectindo-se umas nas outras. Mesmo sob o ponto de

vista científico, era assim: uma pobreza total. Fosse como fosse, e porque a sobrevivência é que manda em nós, lá me fui mantendo em Évora até hoje. Fiz um mestrado em Fisiologia Vegetal e, nos últimos anos, entre a terra dos Resendes e Londres, tento acabar um doutoramento que já tem barba. (...)

In *A Falha*, Notícias Editorial, 1998, p. 46.

FRANCISCO JOSÉ VIEGAS

1962

Na Branca e Azul luz de Évora

É assim a luz, encantamento e euforia.
Nele estou intenso e exausto, ela me acolhe
Entre muros,

Dela acolho o tempo, a finíssima alegria
Do tempo. É nas suas margens que vive
Esse rsoto infinito, a altura do anjo
Desbruçado na solidão,

Na branca e azul luz de Évora, no sul,
Onde apetece a alegria, uma casa abrigada
Da tempestade.

“Na branca e azul luz de Évora” In *Metade da Vida*, Quasi Edições, 2002.

MARGARIDA PEDROSA

1964

Em Évora - no Beco dos Açúcares

Instalei-me neste beco curto e bem situado em plena judiaria. Pelo odor adocicado, é um dos locais mais saborosos desta zona da cidade. aqui gozei da protecção dos judeus dada a minha proximidade a Jacome de Somoza. Foi bom, tão bom, reparar que dizer o seu nome tinha um efeito quase mágico, tantas portas se abriram. A escolha do lugar onde viver foi orientada por três importantes motivos: os judeus tinham várias casas livres e arrendavam-nas ao mês, entre eles sentia um pouco do meu passado e na Rua dos Mercadores tinha acesso a muitas substâncias necessárias para o meu trabalho.

[...]

Assim que começava a descer a Rua da Moeda, ouvia os ferrolhos a correr e via os postigos e as portas a abrir, pois todos me queriam cumprimentar. Atravessava a Travessa do Sol no silêncio e chegada ao Beco dos Açúcares a vivacidade das crianças

permanecia inalterada, já sabiam que Jacome de SOmoza fora como um pai para mim e que eu vinha em paz.

In Só ao Bispo me confesso. Oficina do Livro, 2005, pp. 77 e 78.

JOSÉ LUÍS PEIXOTO

1974

Ao mesmo tempo, a cidade é o passado, o presente e o futuro. Enquanto estamos aqui, a cidade está aqui e está também em séculos antes de nós, nas vidas dos pais infinitos dos nossos pais. Enquanto estamos aqui, a cidade está aqui e está também em séculos depois de nós, nas vidas dos filhos infinitos dos nossos filhos. A cidade é a forma como a vimos em cada uma das nossas idades: quando éramos crianças e corríamos pelas ruas, quando acreditámos que nos apaixonávamos para sempre, quando éramos velhos e nos sentíamos a envelhecer ainda mais. A cidade é ontem indistinto de hoje indistinto de amanhã e, no entanto, é cada um desses dias únicos. A cidade é absoluta.

Évora ao espelho. Évora: Câmara Municipal de Évora, 2007, p. 15.